

Copyright (c) 2016 Linhas Críticas



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Fonte: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/2839>.

Acesso em: 16 fev. 2022.

Referência

CAVATON, Maria Fernanda Farah. A importância da prática do estágio na formação do educador. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 6, n. 10, p. 111-120, 2012. DOI:

10.26512/lc.v6i10.2839. Disponível em:

<https://www.periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/2839>. Acesso em: 16 fev. 2022.

A importância da prática do estágio na formação do educador

The importance of teaching practice in teachers' education

*Maria Fernanda Farah Cavaton**

Resumo

Neste artigo, demonstro como oriento o Estágio Supervisionado para Início de Escolarização - Projeto 1 dos alunos do curso de Pedagogia, em turmas de crianças pequenas (creche e pré-escola), na Universidade de Brasília. Solicito aos estagiários desenvolver um projeto original, no qual tenham interesse real e não apenas cumpram uma obrigação acadêmica, bem como que aprofundem teoricamente os temas que vivenciam no cotidiano escolar. Acredito que o aluno graduado, ao ingressar no estágio, já tenha informações teóricas suficientes para poder analisar a realidade e propor intervenções baseadas em suas próprias convicções educacionais.

Palavras-chave: Estágio. Professor. Pedagogia. Educação infantil. Creche. Pré-escola.

Abstract

In this paper I try to demonstrate the way I advise on the supervision of teaching practice of the Pedagogy course, Brasília University. This course was developed for small children's teaching (Day-nurse and Kindergarten). I usually ask my students to develop an original project in areas they have real interest and not only to accomplish an academic requirement. I also ask them to go deep on theoretical themes they practice on daily school. I believe the university student already has the theoretical basis to analyse the reality and to propose academic activities based on his/her own educational conviction.

Key words: Teacher. Day-nurse. Kindergarten. Pedagogy. Teaching practice.

*Mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professora Assistente da Universidade de Brasília, na Faculdade de Educação.

E-mail: ecavaton@tba.com.br

Esta reflexão é fruto de nossa experiência de supervisão de estágio na formação de professores graduados em pedagogia, para a educação infantil.

Nos últimos quatro anos, viemos analisando os trabalhos de vários alunos sob nossa orientação, e, através de suas críticas ao curso de Pedagogia, principalmente à forma como está estruturada sua inserção na realidade educacional brasileira, levantamos algumas questões que merecem discussão.

Como primeira delas, a discussão já existente no meio acadêmico sobre a dicotomia entre a teoria e a prática na formação de professores e demais profissionais.

Segundo Candau (1988, p. 54), a melhor forma de entender a teoria e a prática é pensando-as como uma unidade: “Unidade não significa identidade entre estes pólos. Há distinção entre teoria e prática no seio de uma unidade indissolúvel. Esta unidade é assegurada pela relação simultânea e recíproca, de autonomia e dependência de uma em relação com a outra”.

Atualmente, oferta-se ao aluno de Pedagogia várias disciplinas que, pela natureza, à primeira vista, poderiam ser polarizadas em teóricas e práticas. Nesse caso, o estágio seria uma disciplina prática do currículo.

Numa análise mais cuidadosa, verificamos que o estágio é responsável por mostrar ao estudante a relação possível entre o conhecimento da realidade da escola brasileira, as teorias ligadas à educação e a implementação das políticas públicas educacionais. Portanto, acreditamos que o aluno não pode, absolutamente, prescindir dos conhecimentos teóricos que o ajudem a esclarecer as situações por ele vivenciadas no estágio.

Da mesma forma, outras disciplinas do curso, muito embora tidas como disciplinas teóricas, mantêm um estreito contato com a prática. Pois, sendo fontes do saber ligadas à educação, têm a pesquisa científica como a base de seu conhecimento e entendimento, surgidas depois de uma análise criteriosa da realidade objeto de seu estudo.

Como consequência, admitimos que não há disciplinas totalmente práticas ou teóricas, e sim predominantemente práticas, como os estágios, os projetos de pesquisas e as que tratam das metodologias de ensino das diferentes áreas do conhecimento; e predominantemente teóricas, que tratam das ciências humanas, enfocando as relações educacionais sob um aspecto teórico, como, por exemplo, a sociologia da educação.

Outra questão para se discutir, decorrente da primeira, é a adequação do momento da formação em que o estágio deve ser oferecido aos alunos. Geralmente, os currículos de Pedagogia deixam o estágio para o final, acreditando que, somente depois de várias disciplinas ditas teóricas, o aluno estará apto a vivenciar a realidade.

De nossa parte, concordamos com Salgado (1993, p. 18) quando afirma: “O estágio após aulas exclusivamente teóricas ou falsamente práticas jamais consegue a façanha de adicionar um complemento de competência a uma incompetência”.

Esta crítica se junta às queixas dos estudantes da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, cujo estágio acontece ao final do curso, justamente depois de várias disciplinas teóricas. Na opinião da maioria deles, a prática do estágio desde a fase inicial do curso de Pedagogia os ajudaria a compreender as relações educacionais.

A Faculdade de Educação da UnB vem, nos últimos tempos, tentando criar um novo currículo para o curso de Pedagogia, até pela sintonia do momento atual da educação brasileira, pós-LDB, que tem proporcionado novos parâmetros para a reformulação dos cursos superiores e demais níveis de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

Com vistas à reformulação curricular dos cursos de graduação, a Comissão de Especialistas do Ensino de Pedagogia do MEC vem discutindo a prática pedagógica (estágio) como proposta dada em três modalidades concomitantemente, de acordo com a estruturação do curso. A primeira modalidade de estágio deverá inserir o aluno através de projetos integrados à realidade social, econômica e do trabalho de sua área/curso com o referencial estudado nas disciplinas. A segunda relaciona o estágio com pesquisa na articulação teoria e prática e problematização da realidade, gerando projetos de pesquisa. Na terceira modalidade, considerada iniciação profissional, o aluno deverá ir às escolas buscando as atividades de observação e regência ou participação em projetos. (Proposta de Diretrizes Curriculares – Curso de Pedagogia, p. 5)

Aguardando pela modificação do currículo, por ora mostraremos como trabalhamos com a disciplina Estágio Supervisionado para Início de Escolarização – Projeto 1.

Inicialmente, procuramos que o aluno identifique o cabedal de conhecimentos que adquiriu no curso, ainda que de forma dicotômica, para que descubra o sentido dessas teorias na realidade escolar, buscando entendê-la, problematizá-la e identificar-lhe soluções.

O estagiário, quando vai à escola, deve estar ciente de que não há prática sem teoria e nem teoria sem prática. O cotidiano escolar tem práticas pedagógicas que revelam teorias ocultas. O profissional da escola, especialista ou professor, conscientemente ou não, age tendo concepções teóricas respaldando sua prática.

O aluno com amadurecimento teórico-científico da educação tem “olhar de pesquisador” (isto é, identifica a teoria que lhe faz sentido na prática) que o auxilia na captação da realidade escolar, mais especificamente, do processo educativo da sala de aula, buscando perspectivas inovadoras e reflexivas que o expliquem ou modifiquem.

As primeiras impressões dos estagiários são críticas: escola desorganizada, suja, triste; professoras autoritárias, mal informadas, desinteressadas; alunos indisciplinados, desinteressados, revoltados. Com o passar do tempo, observando o cotidiano escolar, constata-se que a realidade apresenta inúmeras questões que merecem ser estudadas e precisam de soluções. Descobrem as contradições inseridas no seio escolar, interesses antagônicos entre as classes sociais, professores e alunos falando línguas e tendo valores diferentes e a transmissão limitada dos campos do saber.

Segundo André (1992, p. 35): “é preciso lembrar que a jornada escolar é realizada por indivíduos em relação, produtores e produto de determinados encontros e simultaneamente de desencontros. Os sujeitos, quando entram na escola, não deixam do lado de fora aquele conjunto de fatores individuais e sociais que os distinguem como indivíduos de vontade, sujeitos em um determinado tempo e lugar. Identificar essas características situadas e datadas é condição fundamental para se aproximar da verdade pedagógica”.

Dada a complexidade da realidade da escola brasileira, da criança concreta, das relações sociais dentro dela, julgamos mais adequado que o enfoque do estágio do aluno graduado se dê numa perspectiva de pesquisa e entendimento dessa realidade do que baseando-se no preenchimento de fichas de observação semelhante ao estágio para a formação de professores no Magistério do Ensino Médio. Almeida (1995, p. 28) coloca que, com as fichas dadas pelo supervisor de estágio e modelos inadequados de professor da classe, o estagiário se vê em situações antagônicas, levando-o a confusões e até a sentimentos de revolta. Fato reafirmado por Pimenta (1990, p. 48), que, analisando a formação do professor no Magistério do Ensino Médio, conclui que o estágio tem-se constituído em atividades de observação, participação e regência de sala de aula; dada a falta de salas para as estagiárias atuarem, suas atividades restringem-se, na maioria das vezes, à mera observação das aulas, transformando os estágios em atividades burocráticas de preenchimento de fichas.

Nossa orientação de estágio tem se baseado no tripé – observação, pesquisa e intervenção – diferentemente do magistério do ensino médio citado acima.

A observação serve para dar ao aluno o diagnóstico da realidade, caracterizar a escola nos seus aspectos físicos e humanos, tomar decisões quanto

à escolha da sala de aula e levantar aspectos preliminares que precisem de atenção. Depois, o exercício da observação será mais como coleta de dados, como meio de construção de categorias de descrição e análise que possibilitará a reflexão teoria/prática no processo de conhecimento (Pimenta, 1995, p. 66).

A pesquisa, por sua vez, mostra ao aluno a necessidade não somente de aprofundar o conhecimento da realidade, identificando problemas e situações que mereçam estudo, como também de procurar pesquisas existentes sobre o tema que se pretenda ampliar. É primordial que o aluno coloque seus interesses em todo seu projeto, traduzindo suas concepções educacionais.

A intervenção é traduzida pelos momentos em que o aluno desenvolve uma proposta de trabalho pedagógico planejada, pesquisada e respaldada no referencial teórico sólido sobre o tema escolhido, atuando segundo suas próprias decisões sobre as formas de abordá-lo com as crianças, onde não cabe a participação da professora titular da classe. O estagiário deve desenvolver um trabalho original. Para tal, necessita que a escola e os educadores lhe permitam liberdade de agir segundo suas próprias concepções pedagógicas e lhe criem espaços na rotina diária da sala de aula.

O desafio mais sério encontrado pelos estagiários é a falta de espaço para atuar nas escolas. Vários estudos sobre estágio revelam que os professores titulares sentem-se incomodados com a presença do aluno graduado, porque estariam sendo observados, criticados, bem como sua rotina de sala e seus alunos transformados (Almeida, 1995, p. 27).

Essa dificuldade faz com que os estagiários procurem a esfera pública para fazer estágio, porque as escolas particulares não demonstram disponibilidade para recebê-los, nem criam espaço de intervenção. As escolas que recebem estagiário, na maioria das vezes, não têm definido um plano de estágio no seu projeto pedagógico.

A atuação apreciada e permitida ao aluno estagiário é, geralmente, a de auxiliar do professor titular da classe, cuja função é realizar determinadas tarefas do dia-a-dia, como corrigir lição, mandar bilhetes para os pais, preparar atividades (copiá-las dos livros didáticos), colar deveres nos caderno de casa etc.

Dadas as dificuldades inerentes ao processo de estágio para que os alunos realizem sua proposta de trabalho, nossa orientação é para que eles exerçam a função de auxiliar de classe e, destarte, conquistem a confiança e a amizade da professora da classe, com o objetivo de solicitar (“negociar”) futuramente um espaço na aula e desenvolver as atividades de intervenção.

Acreditamos que o estágio, apesar de todas as dificuldades, é um processo que ocorre cronologicamente. Primeiro, o aluno tem inúmeras dúvidas: como

agir, o que pesquisar, como lidar com a realidade que lhe é estranha, hostil. Com o tempo, vai auxiliando a professora em suas tarefas, familiarizando-se com as crianças, refletindo sobre o que percebe e ampliando o referencial teórico. Naturalmente, os fatos vão se sucedendo e os espaços se abrindo.

Seus momentos de intervenção com crianças pequenas são mais facilmente negociados quando trabalham com abordagens que não “atrapalham” o planejamento da professora, por exemplo, escritas de textos espontâneos, jogos e brincadeiras, atividades com contos infantis e atividades no parque. Geralmente, essas atividades não fazem parte do cotidiano escolar da sala. Os estagiários conseguem trabalhar várias propostas sérias, com conteúdos específicos, através das estratégias citadas acima. Criam ambientes facilitadores de aprendizagem das linguagens simbólicas: leitura e escrita, número, desenho, teatro, etc.

A meta em nossa orientação de estágios é que o aluno crie seu próprio projeto de estágio, descubra interesses e desenvolva competências para estar lidando com determinado nível de ensino e tema a ser pesquisado. Quando o aluno assume o projeto como dele, e não como uma obrigatoriedade acadêmica, os desafios se tornam estímulos para que desenvolva o estágio da melhor maneira possível, percebendo que cada realidade é uma realidade própria, que a solução encontrada para determinada situação não será a mesma para outras. O “receituário” que acreditava precisar para poder ministrar aulas para crianças não serve para responder a todos os problemas concretos apresentados em sala de aula.

Um dos momentos mais interessantes de nosso trabalho com estagiários é quando o futuro educador descobre-se conhecedor de mais informações do que acreditava possuir. São momentos preciosos de metacognição. Fez muitas leituras de artigos e livros sobre o cotidiano escolar que continham experiências semelhantes às vividas por ele no estágio. Observou a prática pedagógica dos professores e consegue identificar as atuações adequadas, dentre outras, que servem de modelo em relação ao ensino-aprendizagem de qualidade.

As descobertas mais significativas de nossos estagiários de educação infantil devem-se à alfabetização em processo, quando pesquisam como a criança desde bem pequena adquire o conceito de leitura e escrita. A teoria que conheciam e que aprofundaram sobre esse tema, aliada à realidade, os faz descobrir as fases pelas quais as crianças passam para entender a escritura, na maioria das vezes, ignoradas pelas escolas. Percebem a importância de dar atenção aos alunos, ouvi-los, solicitar-lhes escritas espontâneas e prazerosas, que revelem a lógica infantil subjacente aos escritos que as crianças vêem e fazem.

Reafirmam a necessidade de otimizar a formação dos professores que lidam com crianças pequenas e em fase de alfabetização. Desfazem preconceitos sobre a facilidade de se trabalhar com essa faixa etária, porque sentem a responsabilidade de apresentar às crianças o universo das várias linguagens simbólicas que elas utilizam para representar sentimentos e o mundo que as cerca. O aluno graduado sabe da importância das relações sociais, influências dos adultos, na formação da personalidade infantil que se completa aos sete anos.

Outro ponto crucial no processo de inserção na realidade educacional é o estagiário perceber que a escola e os professores não têm confiança e interesse pelo trabalho que pretende realizar, que é visto como alguém sem conhecimento, que está ali só para aprender, sendo ignorada a contribuição que poderá dar à melhoria do ensino naquela escola.

Essa situação faz surgir no estagiário um sentimento de crítica gratuita de tudo que vê na escola, professores e direção. Depoimentos dos estagiários revelam que as críticas iniciais que faziam aos professores eram retificadas depois que tinham que ficar com várias crianças (às vezes mais de vinte) e sentir a dificuldade em dominá-los, harmonizar o ambiente da sala e dialogar com eles de forma que todos se entendessem.

Descobrem que o cotidiano escolar é, por vezes, autoritário e impiedoso, pois todos os dias devem existir atividades a serem desenvolvidas com as crianças. Percebem que para ser bom professor não basta a vontade de sê-lo. Trata-se de um processo de familiaridade, carinho, confiança que vai se formando e estabelecendo um vínculo entre o estagiário e as crianças para, só depois, existir a intervenção de forma satisfatória. Não basta querer ser um bom professor, é preciso criar as condições para isso.

São essas condições que procuramos evidenciar aos nossos estagiários, a totalidade das relações existentes na escola. Somente as metodologias contextualizadas na realidade imediata cultural e de desenvolvimento da criança representam qualidade no trabalho pedagógico.

Pimenta mostra que não basta apenas buscar a unidade entre a teoria e a prática e ter a intenção de formar professores, é preciso ir adiante. Ampliar e tomar a realidade do exercício profissional como prática social (como totalidade determinada e determinante da práxis). “Tomar dialeticamente o campo de atuação enquanto totalidade, em todas as suas determinações, evidenciando as contradições presentes nessa realidade, municiado teoricamente da realidade que se quer instaurar (que ensino é necessário e por quê, que professor é necessário e com quais conhecimentos e habilidades). Implica dar suporte aos

instrumentos de captação e análise do real (existente), para conhecê-lo nas suas determinações, para identificar as possibilidades do novo, resultante do confronto entre o ideal (a realidade que se quer) e o real (o existente)” (1995, p. 72).

Nossa intenção é orientar os estagiários para a prática pedagógica consciente das mazelas e dificuldades do cotidiano escolar brasileiro, para que se reconheçam como educadores sujeitos de um processo de formação que não termina, que é passível de aprimoramento enquanto houver vontade de mudar e conhecer, para que aprendam com seus alunos e para que facilitem a aprendizagem deles, de forma que busquem sempre perspectivas novas para a educação.

À guisa de conclusão, concordamos com Demo (1992, p. 33) quando afirma que: “Os alunos são produtores de ciência. (...) O ‘pedagógico’ na aula está sobretudo no horizonte emancipatório de ocupação de espaço próprio via pesquisa e elaboração própria”.

Sob nossa orientação, os estagiários buscam decifrar as práticas pedagógicas à luz das teorias pedagógicas de todo o curso de pedagogia, das pesquisas bibliográficas sobre determinado tema e das convicções educacionais internalizadas durante sua vida acadêmica. Acreditamos ser importante que nosso aluno construa seu próprio projeto pedagógico de educação infantil, através da pesquisa das teorias e análises já existentes e da sua aplicação à realidade concreta das escolas para crianças pequenas no Brasil.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Jane Soares. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Cortez, n. 9, p. 22-31, maio 1995.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. Cotidiano escolar e práticas sócio-pedagógicas. *Em Aberto*, Brasília, v. 11, n. 53, jan./mar. 1992.
- BRASIL, Ministério da Educação. Comissão de Especialistas do Ensino de Pedagogia, *Proposta de Diretrizes Curriculares – Curso de Pedagogia*, 06.05.1999 (Mimeogr.).
- CANDAUI, Vera Maria. *Rumo a uma nova didática*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- DEMO, Pedro. Formação de formadores básicos. *Em Aberto*, Brasília, v. 12, n. 54, abr./jun. 1992.

- PIMENTA, Selma Garrido, Redefinindo a Habilitação Magistério de 2º grau. *ANDE*, São Paulo, Cortez, v. 15, p. 37-50, 1990.
- . O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática? *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, Cortez, n. 94, p. 588-673, ago. 1995.
- SALGADO, João Amilcar, Potencial e riscos do estágio curricular. In: ENCONTRO ESTADUAL DE ESTÁGIOS, Anais do 2º Encontro Estadual de Estágios: Os estágios e o processo de construção da ética e a cidadania, “o desafio da ação”. Curitiba. UFPR/Coord. Geral de Estágios, 1993. 169 p. (Cadernos de estágio; n. 6).

Recebido em: 16.11.1999

Aceito em: 06.12.1999

